

A FUNÇÃO SOCIAL DO GRAFITE E DA PICHANÇA NO BAIRRO DO RECIFE

THE SOCIAL FUNCTION OF GRAFFITI AND "PICHANÇA" IN THE RECIFE NEIGHBORHOOD

*Ana Maria Filgueira Ramalho*¹
Faculdade Damas da Instrução Cristã

*Josiel Carneiro de Melo Júnior*²
Faculdade Damas da Instrução Cristã

Resumo

Este artigo apresenta os resultados da pesquisa que teve por objetivo, discutir a função social do grafite e da pichança na cidade do Recife. Para tanto, se utilizou como objeto de estudo empírico, o Bairro do Recife, por se constituir como um local de interesse de grafiteiros e pichadores, e sendo assim, é o local, onde mais se encontram essas expressões artísticas - grafite e pichanças, os quais agregam à paisagem urbana histórica, essa arte da contemporaneidade. Como apoio teórico se discutiu os conceitos de arte, arte urbana e função social da arte, e se buscou distinguir o que é grafite e pichança. Por fim, concluiu-se que, mesmo com opiniões distintas, cujo tema ainda causa grandes discussões, pode-se afirmar que o grafite e a pichança exercem uma função social.

Palavras-chave

Arte. Arte urbana. Grafite. Pichança. Função social.

Abstract

This article presents the results of the research that aimed to discuss the social function of graffiti (pichança) and graffiti (grafite) in the city of Recife. In order to do so, the Bairro do Recife was used as an object of empirical study, as it is a place of interest for graffiti artists, and therefore, it is the place where these artistic expressions are most found - graffiti (pichança) and graffiti (grafite), that which add to the historic urban landscape, this art of contemporaneity. As theoretical support, the concepts of art, urban art and the social function of art were discussed, and an attempt was made to distinguish between graffiti (pichança) and graffiti (grafite). Finally, it was concluded that, even with different opinions, whose topic still causes great discussions, it can be said that graffiti (pichança) and graffiti (grafite) play a social role.

Keywords

Art. Urban art. Graffiti. "Pichança". Social function.

¹ Arquiteta e Urbanista, Doutora em Desenvolvimento Urbano pelo MDU/UFPE (2008). Professora e Pesquisadora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade DAMAS, Recife/PE. E-mail: ana.maria@faculdedamas.edu.br.

² Arquiteto e Urbanista pela Faculdade DAMAS Recife/PE. E-mail: jmelo.arct@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Toda forma de representação artística somente acontece em um ambiente em que o homem pode se expressar por meio de suas produções. A arte como produtor de uma necessidade de expressão é uma atividade tão antiga quanto o homem. (FISCHER, 1963). Sendo assim, este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa feita pelos autores (MELO JÚNIOR, 2018), que teve como objetivo discutir a função social do grafite e da pichação na cidade do Recife. Partiu-se do princípio de que existem diferenças e semelhanças entre o grafite e a pichação.

O grafite se aproxima das artes plásticas, ou seja, sua técnica valoriza a criação de imagens, enquanto a pichação privilegia a estética das letras e palavras, Gitahy (1999). Assim como a pichação, o grafite também apresenta seu caráter transgressor, contudo devido à disseminação da sua cultura e a descoberta do seu potencial para requalificação de espaços públicos, é que nos tempos atuais sua ação é mais bem vista e aceita socialmente. O fato é que tanto o grafite quanto a pichação estão presentes em diversas partes da cidade: viadutos, banheiros públicos, fachadas de edifícios, muros, imóveis abandonados, ônibus, metrô, orelhões, postes, monumentos públicos e outros lugares expostos.

O tema divide opiniões: alguns o defendem alegando a liberdade de expressão artística, outros as classificam como vandalismo. Embora ainda fonte de polêmicas, o fato é que essas expressões oferecem a esses espaços muitas vezes abandonados, um novo olhar, realizando mudanças de significados e cumprindo objetivos, como: a denúncia de vozes muitas vezes marginalizadas, o embelezamento pontual de locais e alterações na paisagem urbana.

Utilizou-se como base teórica os conceitos de arte oferecidos por Chauí (2000), Taylor (1978) e arte urbana, de Pallamin (2000), função social da arte, de Fisher (1963); grafite e pichação, de Gitahy (1999) e Ganz (2004). As questões orientadoras sob a qual se desenvolveu a pesquisa foi assim definida: Em que medida o grafite e a pichação exercem uma função social? Se são consideradas enquanto arte e expressão artística contemporânea e qual o entendimento dos sujeitos sociais, quanto ao grafite e a pichação? Dentro desta perspectiva, teve como hipótese de que o grafite e a pichação dão voz a atores sociais marginalizados, denunciando o contexto político social no qual estão inseridos, e sendo assim, tem uma função social.

Para responder as questões norteadoras, foram realizadas visitas no bairro no Recife com intuito de levantar os grafites e as pichações existentes. Posteriormente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com alguns artistas de arte urbana que utilizam o grafite e a pichação como formas de expressão a fim de identificar quais significados esses artistas buscam transmitir com sua arte. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas e aplicado um questionário *on-line* com os atores sociais que utilizam os espaços públicos do bairro que contém o grafite e pichação, a fim de identificar como estes atores sociais os apreendem.

Com o intuito de mostrar os resultados da pesquisa neste artigo, o mesmo está estruturado em quatro itens, além desta introdução. No primeiro item se discute o conceito de arte, arte urbana e a necessidade e função social da arte. No segundo item se faz uma reflexão acerca do que é grafite e pichação. No terceiro item, é mostrada a história do grafite e da pichação no Recife. No quarto item, se evidencia a função social do grafite e da pichação no bairro do Recife e mostra como estas formas de expressão podem exercer uma função social. Por fim, as conclusões finais, onde se constatou que o grafite e a pichação, exercem uma função social, denunciando, informando e embelezando os espaços urbanos.

2 DA ARTE NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA A ARTE URBANA

A palavra arte vem do latim *ars* e corresponde ao termo grego *techne*, técnica, significando: o que é ordenado ou toda espécie de atividade humana submetida a regras. Nesse

sentido amplo, significa habilidade, destreza, agilidade. Em sentido específico é um instrumento, ofício ou ciência. Seu campo semântico, ou seja, relativo ao seu significado se define por se opor ao acaso, ao espontâneo e ao natural. De modo geral, a arte se define como um conjunto de regras para dirigir uma atividade humana qualquer (CHAUÍ, 2000).

No mundo antigo, Platão não distinguia as artes das ciências nem da filosofia, uma vez que essas também são atividades humanas ordenadas por regras. Nesse sentido, ele define a arte como toda forma de conhecimento ou atividade humana racional e utilitária submetida a regras, ou seja, a arte é resultado de um estudo investigativo que depende do domínio técnico para ser produzida. Aristóteles distingue a arte da ciência-filosofia, definindo a arte como técnica de imitação da natureza que busca um propósito ou fim, por meio de um conjunto de regras (CHAUÍ, 2000). A partir da valorização do humanismo renascentista que tinha como principal conceito o antropocentrismo, onde o homem se coloca como centro do mundo, trava-se uma luta pela elevação do status das artes mecânicas, as que têm por finalidade o que é útil aos homens, para o status de artes liberais³.

A distinção entre artes da utilidade – artesanato, agricultura, medicina - e artes da beleza – pintura, escultura, arquitetura, poesia, teatro, dança - suscitou a divisão entre técnica (o útil) e arte (o belo), levando a imagem da arte a uma ação espontânea individual, a qual o artista como gênio utiliza sua sensibilidade criadora (CHAUÍ, 2000). Read (1976) afirma que é necessário fazer uma distinção entre beleza e arte, onde a maior parte das nossas concepções acerca das duas definições se mostram equivocadas. Necessariamente a arte não implica beleza, considerando que a arte em sua cronologia histórica atua nas suas próprias manifestações, onde muitas vezes é destituída de qualquer beleza. A arte, segundo o autor, não é a expressão em forma plástica de qualquer ideal particular: é a expressão de qualquer ideal realizável pelo artista em forma plástica.

Como um conjunto de processos sociais históricos e não uma orientação humana, Taylor (1978), define a arte como uma forma de vida sustentada e vivida por várias sociedades que derivam da situação geral do século XVII europeu. Onde as mudanças sociais estavam a cargo das classes que viviam no topo das hierarquias sociais envolvidas, responsáveis por sustentar e viver essa forma de vida. Com o passar das épocas, novas formas de conceituar arte são postas, Bourriaud (2008), define a arte como uma atividade que consiste em produzir relações com o mundo com o auxílio de signos, formas, gestos ou objetos. Dessa forma, como afirma Gombrich (1995), não existe realmente o que possa dar o nome de arte, existem somente artistas. Em certos momentos eram homens que apanhavam terra colorida para modelar formas de um bisão na parede de uma caverna e hoje usam tinta, desenham cartazes para tapumes e fazem diversas outras coisas.

2.1 A arte urbana

Ao tratar de arte urbana, Pallamin (2000), busca explicar esse conceito a partir de como são apreendidas e constituídas as situações urbanas, que são formadas por um conjunto de relações subjetivas entre pessoas e os significados que elas atribuem aos lugares que frequentam na cidade. A autora ainda salienta que dentro de uma constituição material e simbólica que se caracteriza o urbano, o campo artístico participa como parte constituinte. Nestas condições de procedimentos operativos de criação, aliada às mútuas influências entre arte e o urbano, deve rebater, segundo Argan (1998), nas investigações de cunho estético que inserido na escala urbana, faz-se produto de investigação do urbanismo.

Todas as pesquisas visuais deveriam ser organizadas como pesquisa urbanística. Faz urbanismo o escultor, faz urbanismo o pintor, faz urbanismo até mesmo quem compõe uma página tipográfica, faz urbanismo quem quer que realize alguma coisa, que

³ Conceito aplicado às disciplinas chamadas trivium – gramática, retórica e lógica - e quadrivium - aritmética, geometria, música e astronomia[...] Nela são estabelecidas as sete disciplinas liberais dignas dos homens livres, sendo um grupo dedicado à palavra e outro à ciência dos números e medidas.

colocando-se como valor, entre, ainda que nas escalas dimensionais mínimas, no sistema dos valores (ARGAN, 1998 p. 224).

Neste contexto, fazer urbanismo, é colaborar qualitativamente para a transformação do espaço urbano modificando os elementos e significados que compõem o seu cenário. É enxergar na diversidade de expressões um modo de dialogar com a cidade, por meio de diversas formas, como: esculturas, performances⁴, instalações⁵, murais, adesivos, grafites e pichações. Sendo assim, a arte urbana pode ser definida como uma expressão da arte contemporânea, de caráter popular, que tem como suporte⁶, os espaços públicos da cidade e diversos outros suportes, como: mobiliário urbano, muros e todo tipo de aparato de sinalização. Seu caráter invasor tangencia o limite entre público e o privado, contribuindo para o processo de ressignificações dos espaços ao qual se insere (FERREIRA, 2011). **A figura 1** ilustra uma performance na rua.

Figura 1: Pes(o)soa de Carne e Osso". Performance de Santiago Cao, Salvador.



Fonte: Jung, 2010.

2.2 Necessidade e função social da arte

A arte como uma atividade particular do gênero humano sempre esteve presente no cotidiano do homem. Seu desenvolvimento vem acompanhando a história da humanidade desde o período pré-histórico. Desse modo, alguns questionamentos acerca da função da arte, como por exemplo: Será que a arte é apenas um substituto a vida? Poderá a função da arte ser resumida em uma única fórmula? Não se satisfará se ela apresentar diversas e variadas necessidades? E se observamos as origens da arte, não verificaremos que sua função inicial se modificou e que novas funções passaram a existir? (FISCHER, 1963).

Ainda segundo Fischer (1963), a arte nunca foi uma produção de origens individuais, mas sim coletiva. A arte realmente tem sentido quando sua representação for uma representação social. Desse modo, a arte como representação da própria realidade social, evidencia o momento atual vivido, caso não seja, sua função se torna infiel. A arte precisa mostrar o mundo como passível de ser mudado. Sua função social é ajudar a mudá-lo. Sendo assim, a arte precisa do artista para se concretizar, cabe a ele a função de por meio de sua arte expor ao público a significação profunda dos acontecimentos, fazendo-o compreender claramente a necessidade e as relações essenciais entre o homem e a natureza, entre o homem e a sociedade.

A arte como um substituto, ou seja, como forma de compensar o desequilíbrio social exerce a função de colocar o homem em estado de equilíbrio com o meio que o circunda. Contudo

⁴ Forma de arte que combina elementos do teatro, das artes visuais e da música. Nesse sentido, a performance liga-se ao happening (os dois termos aparecem em diversas ocasiões como sinônimos), sendo que o happening o espectador participa da cena proposta pelo artista, enquanto na performance, de modo geral, não há participação do público.

⁵ O termo instalação é incorporado ao vocabulário das artes visuais na década de 1960, designando *assemblage* ou ambiente construído em espaços de galerias e museus.

⁶ Qualquer coisa cuja finalidade é sustentar, aquilo que auxilia, que oferece apoio.

não se pode esperar um equilíbrio permanente entre o homem e o mundo que o cerca, mesmo na sociedade mais avançada. Neste sentido a arte se torna meio indispensável para a união do indivíduo com o todo, servindo como modo de reflexão que apresenta capacidades infinitas para compartilhar ideias e experiências (READ, 1976).

A arte tem a função de purificar as relações sociais esclarecendo aos homens as obscuridades da sociedade a fim de ajudá-lo a reconhecer e transformar sua realidade social. Desse modo a arte tanto serve como o instrumento para criação de um mundo mágico, como também uma maneira de esclarecer e estimular as relações sociais e sua função sempre sofrerá mudanças em virtude das necessidades que lhe são impostas. (FISCHER, 1963).

3 GRAFITE E A PICHANÇA

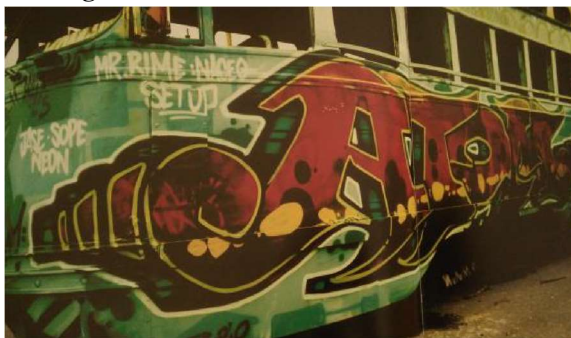
O grafite e a pichação não são formas de expressão exclusivas das sociedades atuais. A palavra *graffito* – vem do italiano que significa inscrição ou desenhos de épocas passadas, riscadas a carvão em rochas ou superfícies. *Graffiti* é o plural de *graffito* que significa técnica. No plural a palavra grafite refere-se a mais de um desenho. A palavra pichação significa inscrição, rabisco, geralmente de teor político. As duas formas de expressão se assemelham pela efemeridade, reflexões sobre valores sociais, a utilização de tintas, muros e fachadas para sua execução. Contudo, se diferenciam porque o grafite advém das artes plásticas e o seu objetivo é a elaboração de uma imagem composta por elementos que tem um significado, enquanto a pichação tem como objetivo a escrita, o conteúdo das palavras e a tipografia das letras (GITAHY, 1999).

Se compararmos a pintura rupestre produzida pelos homens das cavernas com os grafites e as pichações das metrópoles, podemos constatar que ambas as formas narram nas paredes um momento histórico. A necessidade de riscar simbolicamente uma superfície é comum aos homens (CÓRDULA, 2017). O autor ainda salienta que essa atividade pode ser percebida em todos os lugares: nas paredes, carteiras escolares, diários, corpos humanos através da tatuagem, e assim por diante. Essas formas de representação de palavras, desenhos e conceitos como os alfabetos e ideogramas, se baseiam em visões da realidade e são importantíssimas para compreensão da mesma.

3.1 O surgimento do grafite

De acordo com Gitahy (1999), os primeiros vestígios do grafite foram feitos nas paredes das cavernas. As pinturas rupestres são consideradas os primeiros registros dessa forma de expressão na história da arte. Elas representam animais, caçadores e símbolos. No decorrer do tempo essa forma de expressão ganhou outras formas de serem representadas. O autor ressalta que murais desse tipo também foram utilizados por diversas civilizações, desde o extremo oriente, ao mediterrâneo. O autor ainda destaca que o grafite que conhecemos nos dias atuais começou a se desenvolver entre as décadas de 1960 e 1970, nos Estados Unidos, especificamente em Nova York e Filadélfia. Seu desenvolvimento se deu nas periferias norte-americanas juntamente com os movimentos hip-hop e a configuração socioeconômica existente em Nova York – na qual se encontram lado a lado as ruas sujas do Harlem e o ambiente glamoroso da Broadway. A **figura 2** mostra um exemplo de grafite nos Estados Unidos.

Figura 2: Grafite estadunidense, EUA, 1999.



Fonte: (Ganz, 2004)

A pichação, ao contrário do que muitos pensam, se faz presente em nossa sociedade desde o período Romano. As paredes das cidades antigas como Pompeia, preservadas pela erupção do vulcão Vesúvio em 79 D.C., apresentam xingamentos, poesias e anúncios escritos que podem ser considerados como pichações. Depois a pichação passou a ser feita nas paredes das casas das pessoas que se queriam atacar. Assim foi utilizada tanto para divulgar ideais e objetivos revolucionários quanto atingir a imagem de um governo. Durante a segunda guerra mundial, os nazistas usavam inscrições em muros como forma de propaganda para provocar o ódio contra os judeus e os seus descendentes. Com o passar dos anos o spray vai substituindo as antigas técnicas de aplicação de vernizes e fixadores nos trabalhos artísticos. Desse modo o spray é visto como uma opção técnica que possibilita uma maior liberdade e velocidade na execução de intervenções.

3.2 História do grafite e da pichação no Brasil

Como prática artística no Brasil, o grafite começa a se desenvolver a partir da segunda metade dos anos 1970. Nesse primeiro momento o grafite é visto como uma prática marginal, onde a questão da proibição estava bastante presente. Os artistas saíam em excursões pelas ruas da cidade de São Paulo à procura de lugares que melhor evidenciassem seus grafites para o público. Nessa época geralmente esses grafites eram realizados com sprays pretos e os primeiros grafiteiros que se tem registro são Alex Vallauri, Rui Amaral, Carlos Matuck, John Howard e outros não mencionados (GITAHY, 1999).

O estilo de grafite americano começou a aparecer no Brasil a partir dos anos de 1980 e logo foi difundido por todo o país, chegando ao seu ápice em 1989. Sua desenvoltura estava ligada a outros movimentos como o hip-hop, o rap e o break que aconteciam na estação São Bento, do metrô de São Paulo.

A história da pichação tem início a partir dos anos que sucederam o golpe militar de 1964. Mensagens contra o regime eram pintadas sobre fachadas e muros de edifícios públicos ou privados, que proclamavam contra a censura e a tortura exercida pelo regime. Villaça (s/d) afirma que quando o spray chega ao Brasil o seu uso passa a ser empregado nos anos 60 como mais um material utilizado para propagação de palavras de ordem nas principais cidades do país, anunciando o possível golpe de Estado que colocaria o Brasil em processo de uma estagnação política e das liberdades democráticas. (GITAHY, 1999). A **figura 3** ilustra a pichação contra a ditadura militar.

Figura 3: Pichação contra a ditadura militar.



Fonte: memoriqsdaditadur.org

Com o passar dos anos a pichação vai desenvolvendo novos atributos se relacionando de modo próprio e peculiar com cada região que se insere. Dessa forma podemos constatar quatro fases ou movimentos que a pichação nos apresenta. A primeira fase: corresponde ao momento em que os pichadores picham o próprio nome exaustivamente pela cidade, apropriando-se de todo e qualquer tipo de superfície. A segunda fase é marcada pela competição. Os pichadores começam a usar pseudônimos ou símbolos que identificam os seus grupos. Ainda nessa fase novos grupos começam a aparecer, com isso a disputa por quem tem escrita, ou “tag”⁷, como os pichadores costumam chamar, começa a ficar esteticamente mais elaboradas e com isso culmina na saturação do espaço físico-visual da cidade.

Na terceira fase: a disputa do picho mais difícil. Os pichadores começam a driblar porteiros, zeladores dos edifícios públicos e residenciais para alcançarem um lugar mais alto. Nessa fase um grande número de edificações públicas são pichadas e com isso a mídia se volta contra os pichadores, oferecendo-os uma forma de aparecer nos jornais. Contudo eles são apresentados como vândalos. Na quarta fase, a pichação atinge o seu auge, onde quanto maior a repercussão alcançada pela pichação, maior o status do pichador entre seus pares.

Desse modo podemos concluir que existem três tipos de pichações, as pichações políticas, as pichações poéticas ou filosóficas e a pichações de disputa que acontece exclusivamente entre os pichadores, onde por meio de sua tag, se divulga e evidencia sua existência. (PEREIRA 2012).

3.3 A história do grafite e da pichação no Recife

Em Recife a história do grafite se apresenta em dois momentos, o primeiro ocorreu entre os anos de 1980 e 1990. Neste momento o grafite se caracteriza pela clandestinidade, ou seja, além de não ser permitido, não desfrutava de uma aceitabilidade social, como nos dias atuais. O segundo aconteceu a partir dos anos 2000 onde se tem uma explosão do grafite e conseqüentemente de uma melhor aceitação social. Com o crescimento do número de grafiteiros espalhados principalmente pelos bairros da periferia do Recife, grupos como: Liberdade de Expressão, Pró-Rua, Seres, M.A.F.I.A., Atitude de Rua, Get Crew, Subfrac e Êxito d’Rua e outros foram criados.

Por meio do Grafite a cidade do Recife foi contemplada pelo projeto Wholetrain 2007 Nordeste Tour, que também aconteceu em outras capitais da região. Ele foi criado pelos artistas paulistas Ise e os gêmeos, Otávio Pandolfo e Gustavo Pandolfo, que trouxeram ao Recife a proposta de pintar a lateral de todos os vagões do metrô do Recife, conforme apresenta a matéria

⁷ Assinaturas de nomes ou apelido. O termo surgiu em Nova Iorque, com os jovens que denominavam o ato de escrever seus nomes pela cidade, e principalmente, nos vagões dos trens, como 'writing', 'tagging' ou 'hitting'.

da Revista WSCOM, 2007. O projeto teve apoio da Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU) e da Astronave Iniciativas Culturais.

Outra iniciativa cultural que teve o grafite como instrumento temático em sua elaboração, foi o carnaval de 2017, como mostra a matéria do Diário de Pernambuco, 2017. Na ocasião os artistas: Galo de Souza, Karina Agra, JotaZerOff, Bozó Bacamarte, Manoel Quitério e Coletivo Vacilante, realizaram alguns painéis que depois foram fotografados, vetorizados e depois reproduzidos em tecidos e espalhadas pela cidade. O Grafiteiro Galo de Souza afirma que a proposta valoriza a arte urbana da cidade e evidencia o seu papel como transformadora dos espaços urbanos.

Soares (2012), afirma que as pichações são de caráter político e faziam parte do cenário urbano da cidade do Recife nas décadas de 1970 e 1980. O uso de pichações com intuito de reivindicar propósitos políticos e direitos civis marca a história dos muros da cidade do Recife. O autor ainda salienta que como instrumento de expressão dos registros cotidianos, ou como uma forma de reivindicar a libertação de militantes de movimentos contra ditadura, a pichação foi uma forma utilizada pelos setores sociais, como: trabalhadores, estudantes, operários e intelectuais.

A pichação também foi utilizada para denunciar problemas de segurança pública em Recife. Nessa situação a matéria “Recife escuro, ladrões a solta”, de 23 de fevereiro de 1983, evidencia o problema de precariedade da iluminação pública. Na matéria o jornal fez referência a uma pichação que se encontrava na Avenida Mário Melo e na Rua da Aurora. Essa pichação serviu como forma de evidenciar a precariedade da iluminação pública que acarreta em um aumento no número de assaltos nas imediações (SOARES, 2012).

Ainda segundo SOARES (2012), as pichações também foram utilizadas como proposta democrática favorável à mudança do cenário político após a ditadura militar na gestão do prefeito Gustavo Krause, em Recife. A proposta foi incentivar o que seria um canal de comunicação, onde a população pudesse expressar a sua opinião. Estes murais da crítica, como foram chamados, foram construídos em espaços de grande visibilidade e fluxos de transeuntes. Nos murais, qualquer pessoa poderia pichar ou grafitar sem nenhuma penalidade.

Moura (2014) afirma que as pichações em Recife seguem uma trajetória semelhante aos exemplos do Rio de Janeiro e São Paulo. Isso acontece devido à similaridade dos contextos, sociais, econômicos e históricos nos quais a cidade do Recife esteve inserida. Desse modo, hoje observamos nas paisagens do Recife, os reflexos e reformulações de outros momentos históricos evidenciados por estas inscrições realizadas nas paredes, como também os mais diferentes interesses e marcas da existência humana expressa no espaço urbano. Ainda segundo o autor, em Recife, os primeiros registros sobre a prática do grafite e da pichação se inicia entre os anos de 1984 e 1985.

Hoje no Recife temos uma variedade no que se diz respeito à tipografia das letras da pichação. Dessa forma, se tem uma mescla de estilos, onde muitos dos pichadores apresentam duas formas de pichar, uma que tende a ser mais ilegível marcada pelo rebuscamento das letras e outra apresenta uma *tag* ou pixo mais legível, evidenciado a mensagem escrita.

4 A FUNÇÃO SOCIAL DO GRAFITE E DA PICHAÇÃO NO BAIRRO DO RECIFE: CONSENSOS E DISSENSOS.

4.1 O bairro do Recife Antigo

O Bairro do Recife consiste no objeto de estudo empírico onde foi aplicada a referida pesquisa, devido à diversidade de grafites e pichações nele presentes. Os motivos que levaram a escolha deste bairro se deram pelo interesse em entender os grafismos contemporâneos que estão presentes nas edificações e muros do Bairro do Recife. Bairro este que anteriormente possuía um dos principais portos da colônia Portuguesa. Porém, nos dias atuais percebe-se as suas paredes

como um “livro aberto”, devido à presença de escritos, imagens, marcas e símbolos com um tipo de comunicação que suscita questionamentos sobre suas formas e significados.

Moura (2014) afirma que a partir da década de 1970 ocorreu o processo de percepção do potencial econômico do Bairro do Recife, voltado ao mercado turístico. Esse processo ocorreu devido ao seu sítio eclético arquitetônico e o acúmulo histórico. Desse modo abrem-se possibilidades para novas perspectivas de usos visando o consumo cultural e turístico.

Tombado em 1998 pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o Bairro do Recife Antigo é destaque pela diversidade arquitetônica, com presença de diferentes padrões urbanos em sua área. Entre os bens tombados estão igrejas, palácios, fortaleza, prédios, conjuntos urbanos e várias outras obras que testemunham as diferentes fases e aspectos da capital pernambucana em suas primeiras transformações urbanísticas no início do século XX.

Com investimentos diversos, tanto na área de tecnologia, como econômica e de infraestrutura, o Bairro do Recife sofreu um elevado e rápido processo de valorização que em certos aspectos não contemplou as camadas mais populares do bairro como afirma, Nery e Castilho (2008). Dessa forma, deve se questionar qual a lógica deste processo de revitalização que não consegue conciliar seus diversos interesses econômicos e produzir um espaço socialmente integrado com as classes mais populares existentes no bairro do Recife. Este fato colabora para que o bairro, de alguma forma seja um depositário de tantos grafites e pichações.

4.2 O Bairro do Recife: entre os grafites e pichações

Os grafites e as pichações do Bairro do Recife apresentam em seus conteúdos as mais diversas informações. Dessa forma são explorados temas como: denúncias sobre condições sociais, acontecimentos passados, valorização da cultura popular da cidade e divulgação da própria arte de rua. Em sua maioria, os grafites e as pichações estão distribuídos pelas fachadas e muros do bairro de maneira espontânea, muitas destas intervenções são realizadas sem o consentimento dos proprietários, pois, muitos desses imóveis se encontram em estado de abandono. Por outro lado, podemos destacar também a presença de intervenções que ocorrem de forma autorizada, como o grafite do Bozó Bacamarte, localizado na Rua Cais do Apolo, como tantos outros artistas desconhecidos. A **figura 4** mostra o grafite de Bozó Bacamarte.

Figura 4: Grafite do artista Bozó Bacamarte.



Fonte: Josiel Carneiro, 2018.

Para alcançar os objetivos da pesquisa, foram coletadas informações com três grupos distintos, sendo eles: frequentadores do bairro, o público *on-line* realizado pela plataforma *google forms*, os grafiteiros e pichadores. O primeiro grupo foram realizadas 40 entrevistas com os frequentadores diários, turistas, trabalhadores e moradores do Bairro do Recife Antigo, aos quais foram abordados no próprio bairro para serem entrevistados.

Já o segundo grupo, o público *on-line*, se caracterizou por pessoas escolhidas aleatoriamente, de diversos perfis, que se dispôs a participar da pesquisa, com o intuito de alcançar um número maior de pessoas e, conseqüentemente, um maior número de opiniões. Para tanto, foi aplicado um questionário *on-line*, com questões abertas e fechadas, divulgado por meio de redes sociais. Ao todo, 168 pessoas responderam ao questionário, que foram na pesquisa de público *on-line*. O terceiro grupo constituíram-se de grafiteiros e pichadores, que se expressam no Bairro do Recife Antigo. Ao todo, foram, três grafiteiros e cinco pichadores de diversos perfis, técnicas e tempo de experiência.

5 GRAFITE E PICHANÇA: A ARTE URBANA DA CONTEMPORANEIDADE

Um dos objetivos da pesquisa foi verificar se o grafite e a pichação são vistos como arte pela sociedade do Recife. Sendo assim, foi utilizada imagens de grafites e pichações para ilustração das perguntas, e nas respostas dos questionários aplicados, foi evidenciado que o grafite tem a intenção de transmitir informações, expressar sentimentos, educar e promover a arte de rua. O público *on-line* também acredita que, por meio dessas intervenções, os espaços urbanos podem ser recuperados e reintroduzidos ao meio social. Contudo, a pichação não foi considerada enquanto arte e forma de expressão artística contemporânea.

A resposta do público *on-line*, também se confirmou a unanimidade do grafite enquanto arte. A pichação, por sua vez, também não foi considerada como arte pela maior parte dos pesquisados *on-line*: 63,7% responderam que não é arte. Em suas justificativas afirmaram que a pichação tem os seguintes significados: Vandalismo; não embeleza a cidade; traz prejuízo ao proprietário da edificação que na maioria das vezes não está de acordo com a utilização de seus muros; entre outros. Contudo 36,1% das opiniões mostraram que a pichação pode sim, ser considerada como arte, como mostra a justificativa a seguir:

Pois da mesma forma que o grafite, é uma expressão das emoções do grafiteiro. A pichação também é expressão do pichador, com a diferença de que essas emoções são mais complexas e não são para todos. O grafite quer ser admirado por quem passa na rua, a pichação faz sentido somente dentro de determinados grupos. É uma arte egoísta, mas não no mau sentido. O pichador quer ser mais, maior, mais alto, ele se põe na *tag*, é também uma extensão de seus sentimentos. Mas complexos e socialmente delicados eu diria, pois se trata de busca de reconhecimento, aceitação e inserção em um grupo social (Público *on-line*, 2018).

Dessa forma se tem dois discursos sobre a questão da pichação enquanto arte: Se por um lado a pichação é simplesmente vista como um ato transgressor que viola a propriedade alheia e não traz nenhum valor efetivo, por outro lado, é vista como uma forma de expressão e comunicação que envolve outras questões como: reconhecimento, aceitação e visibilidade em meio a um grupo social.

Os frequentadores do bairro de uma forma geral concordam com essas formas de expressão nos espaços urbanos. No entanto, em suas falas não concordam com o modo pelo qual a pichação se insere no espaço urbano. No questionário *on-line*, 79,2% dos pesquisados responderam que aprovam como o grafite se apropria dos espaços urbanos, às pichações, 67,9% do público *on-line* responderam que não concordam como as mesmas ocupam os espaços urbanos.

6 A FUNÇÃO SOCIAL DO GRAFITE E DA PICHANÇA.

Nas entrevistas realizadas com os frequentadores do Bairro do Recife sobre a função social do grafite, a maioria dos entrevistados afirmou que o grafite exerce uma função social. E foram atribuídas as seguintes funções ao grafite: Expressar sentimentos; embelezar; recuperar

espaços degradados; informar e valorizar a cultura do bairro, entre outros. Sobre a função social que a pichação exerce, a maioria dos entrevistados, responderam que não acreditam que ela exerça alguma função. A função que foi atribuída à pichação, se resumiu a vandalizar o espaço urbano.

Nas respostas coletadas através do questionário *on-line* foi evidenciado que tanto o grafite quanto a pichação, exercem uma função social. No caso do grafite, 95,2% das pessoas afirmaram que o grafite exerce uma função social. Os motivos apontados para justificar essa função social foram: promoção e divulgação da arte, com 76,4% das respostas; informativa, com 64,2% e; educativa, com 63,6%. Os demais, contabilizando 15%, responderam que significam vandalismo e transgressão.

No caso da pichação, os resultados apontaram que 51,8% acreditam que a pichação exerce uma função social. Ao perguntar qual seria a função social exercida pela pichação, os motivos apontados foram: 67,1% como vandalismo e transgressão; 52%, informativa, 25%, promoção e divulgação da sua arte, 18% educativa e protesto.

Com base na pesquisa realizada, pode-se concluir que o grafite e a pichação exercem uma função social, apesar de não existir unanimidade. Ao contrário, existem opiniões diversas e complexas sobre essas formas de expressão. Pode-se afirmar também que a função social do grafite e da pichação não consiste apenas em dar vozes aos atores marginalizados, mas, de denunciar o contexto político, histórico e social, além de mostrar os motivos mais subjetivos de uma sociedade que se socializa de maneira própria, se articulando entre as brechas deixadas pela consolidação de um sistema social desigual, onde poucos têm a oportunidade de expor suas opiniões.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, grafite e a pichação não são formas de expressão exclusivas das sociedades atuais, mas tornaram-se significativas nas últimas décadas devido ao seu crescimento contínuo nos espaços urbanos e as constantes reflexões em torno da legalidade, de seu caráter, dos espaços utilizados, entre tantas outras inquietações que divide opiniões entre gestores, artistas e cidadãos comuns.

Os motivos de grafiteiros e pichadores se apropriarem do Bairro do Recife, inicialmente, foi levado pelo seu abandono, mas nas últimas três décadas, face a vários projetos públicos de revitalização do bairro, essas expressões artísticas não se intimidaram. O que faz parecer que as expressões de arte urbana – grafite e pichação – constituem-se na atualidade componentes da paisagem do bairro.

Com base nos relatos e opiniões da maioria das pessoas que participaram desta pesquisa considera o grafite uma arte, mas já não tem a mesma opinião quanto às pichações. Contudo, parte-se do pressuposto de que, tanto o grafite, quanto a pichação, estabelece algum tipo de diálogo com a sociedade, e dentro desse raciocínio, pode-se afirmar que é uma forma de arte, mesmo que denotem diversos significados, que vão desde o embelezamento à transgressão.

Por fim, conclui-se que a função social do grafite e da pichação existe na medida que, essas expressões artísticas estabelecem diálogos com o meio em que vivem, expressam as representações sociais, expõe ao público a significação profunda de diversos acontecimentos.

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Alexandre Barbosa Pereira, « Quem não é visto, não é lembrado: sociabilidade, escrita, visibilidade e memória na São Paulo da pichação », **Cadernos de Arte e Antropologia [on-line], Vol. 1, No 2**

| 2012, posto *on-line* no dia 01 outubro 2012, consultado o 01 junho 2018. URL : <http://journals.openedition.org/cadernosaa/631> ; DOI : 0.4000/cadernosaa.631

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2008.

BRASIL. **Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998**. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Brasília, 12 de fevereiro de 1998.

CHAUÍ, M. (2000). **Convite à filosofia**. São Paulo: Ed. Ática.

CORDULA, RAUL. DNA. **Grafite e grafiteiros**. Recife, RevistaSIM, n. 103, p. 35, 2017.

FISCHER, E. **A Necessidade da Arte**. Lisboa: Editora Ulisseia, 1963.

FERREIRA, M. A. **A arte urbana no Brasil: expressões da diversidade contemporânea**. São Paulo. 2011.

GITAHY, Celso. **O QUE É GRAFFITI**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GANZ, Nicholas. **O MUNDO DO GRAFITE**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2004.

GOMBRICH, E. (2000). **A HISTÓRIA DA ARTE**. SÃO PAULO: LTC.

MELO JÚNIOR, Josiel Carneiro de. A Função Social do grafite e da pichação no bairro do Recife. Trabalho de Conclusão de Curso. Cursos de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas, Recife, 2018.

MOURA, T. S. **Pixadores, Grafiteiros e Suas Territorialidades: apropriações socioespaciais na cidade do Recife**. Recife, Pernambuco, Brasil, 2014.

Nery, N. S., & Castilho, C. J. (2008). **Comunidade do Pilar e a revitalização do bairro do Recife**. Revista Eletrônica da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA

PALLAMIN, Vera. **Arte urbana**. São Paulo: Annablume Editora, 2000.

READ, H. (1976). **O Sentido da Arte**. O Sentido da Arte. Ibrasa.

SOARES, T. N. **Campanhas políticas e repressão policial: as pichações na cidade do Recife (1979-1985)**. Recife, Pernambuco, Brasil, 2012.

TAYLOR, Roger. **A arte inimiga do povo**. São Paulo: Conrad Editora Brasil, 1978.